ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL / RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

O Tuiuti

BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 128

À Nossa Pátria

Brasil: 7 de Setembro

O TUIUTI
Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de HIstória Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN
Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS
acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.

EDITORIAL

A obra de Olavo Bilac é um dos maiores legados da poesia brasileira. Entre seus trabalhos, está "A Pátria", um poema feito para crianças, aliás, muito didático. Nada mais apropriado do que isso, para o 7 de Setembro:

"Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,

É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!

Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!
Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e umedece,
vê pago o seu esforço, e é feliz, e enriquece!
Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!"

Seguimos com um texto sobre a grande lenda britânica, Lawrence da Arábia, em continuação com nossas memórias à I Guerra Mundial, e encerramos com um rápido levantamento de Sargão II, um dos gigantes guerreiros da Antiguidade.

F. G. Dillenburg (Co-Editor) por
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 EXALTAÇÃO À PÁTRIA BRASILEIRA
por Cel Manuel Soriano Neto

Uma histórica e longa visada-à-ré, a fim de entender o significado do 7 de setembro para todos nós, brasileiros.

13 LAWRENCE DA ARÁBIA
por Universidade de Passo Fundo

O personagem que marcou a História, lendário oficial de inteligência do exército britânico no Egito.

16 SARGÃO II
Grandes Personagens da Antiguidade

Sucedendo seu irmão, foi senhor da Assíria, mestre da guerra e rei implacável.

FEDERAÇÃO DE ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

Exaltação à Pátria Brasileira

Cel Manuel Soriano Neto

Para bem exaltarmos a Independência da Pátria, ocorrida em 7 de setembro de 1822, mister se faz, preliminarmente, que façamos uma histórica e longa visada-à-ré, a fim de bem entendê-la.

Dizia Cícero que "a História é a mestra da vida", pois ela é a senhora dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mensageira da antiguidade. E a História para ser de utilidade ao Homem e ter sempre por escopo a verdade e a justiça, deve assentar-se em duas condicionantes: o seu registro e a sua veracidade; sem registros, ela se perde, além também de ser passível de deformação, pelo que o historiador não pode ser levado por caprichos, simpatias ou antipatias: ele deve primar pela neutralidade, ser isento, amoral (no sentido sociológico do termo), imparcial, enfim.

Em 22 de abril de 1500, este país-continente foi descoberto, mercê da audácia, coragem e determinação do indomável português, quando a frota de Pedro Álvares Cabral aportou na Bahia, "achando" a nova terra. Naquele ano final do século XV (e não XVI, como é correntio dizer-se), acentuava-se de forma exacerbada, o sentimento de religiosidade. As tradições do Condado Portucalense, berço da nacionalidade lusa, remontam aos monges-soldados das Ordens Militares, que lutaram junto às Cruzadas, contra os mouros invasores da Península Ibérica,

e profanadores de locais sacrossantos, como o Templo de Salomão, razão pela qual foi criada a esotérica Ordem dos Cavaleiros Templários, extinta pelo Papa, em 1319.

Para substituir a Ordem dos Templários, o rei Dom Diniz instituiu a Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Infante Dom Henrique, "o Navegador", era o grão-mestre dessa Ordem e, ao fundar a Escola de Sagres, no início do século XV, convocou os melhores Cavaleiros da Entidade para as grandes navegações marítimas. "Navegar é preciso, viver não é preciso!". Era o apelo, digamos, propagandístico, da famosa Escola, com vistas ao recrutamento e à formação dos melhores argonautas.

Tal marketing, na realidade, queria dizer que a navegação era segura e precisa, de precisão matemática, em face do desenvolvimento do que hoje chamamos de ciência e tecnologia e que Portugal vinha muito bem dispondo, tudo ao contrário do que ocorria na incerta existência humana. Não se referia ao desprezo pela vida, a qual, então, passaria a ser secundária à arte de navegar; não era o "maktub" ("estava escrito") árabe, tão combatido por eles, fervorosos católicos, mas uma motivação científica (os portugueses detinham a mais avançada tecnologia de navegação do

"DIZIA CÍCERO QUE 'A HISTÓRIA É A MESTRA DA VIDA', POIS ELA É A SENHORA DOS TEMPOS, A LUZ DA VERDADE, A VIDA DA MEMÓRIA, A MENSAGEM DA ANTIGUIDADE."

mundo) para o ato de singradura pelo desconhecido Mar-Oceano. Fernando Pessoa, posteriormente, deu um sentido poético e fatalista ao slogan, o qual passou a ser mal compreendido até hoje.

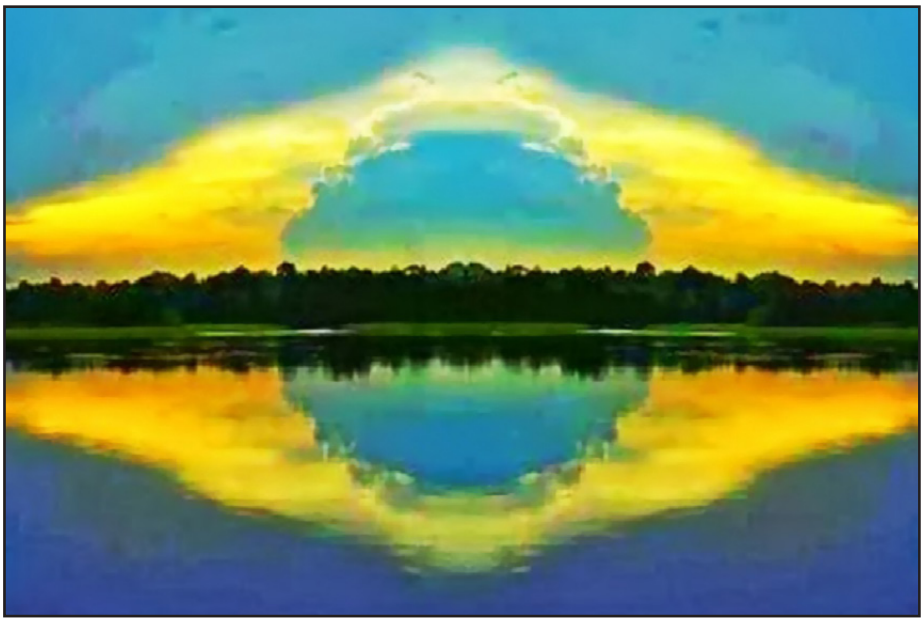
Pelo sentimento forte de religiosidade, as naus e caravelas de Portugal, que zarpavam para mares nunca dantes navegados, conduziam em suas brancas velas, com reverência e orgulho, a Cruz da Ordem de Cristo, estampada em vermelho vivo, cor original da Corporação, cuja finalidade eram "*a expansão do Império e a propagação da fé, até lá bem donde nasce o sol*" (digase, por ilustração, que a bandeira da Ordem de Cristo foi, até meados do século XVII, a da terra recém descoberta, o nosso amado Brasil) e, "*se mais terras houvera, lá chegara*" o intrépido lusitano, sob o lema do "*enverga mas não quebra!*".

O Brasil foi, portanto, descoberto, melhor dizer-se, "achado", em decorrência de um ousado empreendimento religioso-militar. Destarte, o país nasceu sob a proteção da Cruz e da Espada, tanto que o motivo do sermão da Primeira Missa foi o do sinal da cruz, razão por que o Almirante Pedro Álvares Cabral determinou que se substituísse por uma cruz de madeira, o conhecido padrão de posse, com as Armas de Portugal, ato bem caracterizado em consagrada aquarela, de Pedro Peres, de título "A Elevação da Cruz", constante do acervo do Museu de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

As glórias desses fastos de nossa bela gesta se devem a Pedro Álvares Cabral e aos seus argonautas, os monges-soldados, mas, fundamentalmente, à galhardia portuguesa que pode tão bem ser evidenciada, na determinação para a construção do monumental Forte Príncipe da Beira, por Dom Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, governador e Capitão-general da Capitania de Mato Grosso, em 1776, que assim ordenou:

"*A soberania e o respeito de Portugal impõem que neste lugar se erga um Forte e isso é obra e serviço dos homens de El-Rei nosso Senhor e, como tal, por mais duro, por mais difícil e por mais trabalhoso que isso se dê, é serviço de Portugal. E tem que se cumprir!*".

Para ainda melhor entendermos a nossa Independência,



urge que remontemos ao ano de 1808, quando a Corte portuguesa se transmigrou para o Brasil. Passados pouco mais de duzentos anos a interpretação do fato se torna muito mais fácil. Quando Napoleão Bonaparte decretou o bloqueio continental contra os interesses britânicos, Portugal, aliado da Inglaterra, não dispunha de meios suficientes para enfrentar o poderio bélico francês. Dom João seria feito prisioneiro pelas tropas franco-espanholas, como ocorrera com o seu cunhado, Fernando VII, da Espanha, e perderia o Trono. Então, para preservar a Coroa, a dinastia dos Bragança e o próprio reino português, o Príncipe Regente decidiu não se submeter à invasão do general Junot, embarcando para o Brasil, a sua principal Colônia.

O Oceano Atlântico, dominado pela Marinha inglesa, seria a natural proteção da Corte em terras brasileiras. Os portugueses permaneceriam resistindo junto com o Exército inglês, até à retirada dos invasores. Napoleão diria, ao depois, que fora enganado por Dom João. Portanto, a transmigração da Corte lusitana afigura-se, na visão histórica hodierna, como uma alternativa bastante lógica para a sobrevivência do pequeno Portugal. Ademais, tal alternativa, longe de ter sido uma fuga covarde, como se apregoa, alhures, foi preparada com muita antecedência, sem improvisação.

Grandes vultos da História lusa, como o Marquês de Pombal e o Conde de Linhares, a haviam aconselhado (acrescente-se que ela foi vaticinada pelo notável Padre Antônio Vieira), caso Portugal, um país de pequena dimensão, pouco populoso e de reduzido poder militar, fosse ameaçado em sua integridade territorial. Lorde Strangford, à época embaixador inglês em Portugal, nos dá conta de um acordo secreto, celebrado com a Inglaterra, que previa a fundação de um grande Reino no Brasil, com a anexação da Cisplatina (consigne-se que tal viria a ocorrer, além da invasão da Guiana Francesa). Convém lembrar, finalmente, que uma transladação do porte da ocorrida, não se faz de afogadilho. Aproximadamente 15.000 pessoas embarcaram em 36 naus e fragatas, com valiosíssimo acervo, preciosos bens públicos e privados, suprimentos de toda ordem, etc. Não houve, pois, uma infame deserção e, sim, uma magistral manobra geopolítica muito bem urdida. Relembremos dos principais atos régios na esfera da administração civil e na área militar praticados por Dom João, que viria a ser, como Dom João VI, a augusta figura do 27° Rei de Portugal. Foram eles:

- a abertura dos portos às nações amigas;

- a elevação da Colônia - um Vice-Reinado -, a "Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve";

- a implantação da Imprensa Régia;

- a criação do Conselho de Estado, do Banco do Brasil, da Casa da Moeda, da Biblioteca Real, do Museu Real, do Horto Florestal, do Jardim Botânico, etc;

- a fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, depois Academia de Belas Artes, e da Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil;

- a criação de duas Escolas de Medicina, no RJ e na BA; - a contratação de uma Missão Cultural Francesa e de outras de menor porte, de cunho científico e artístico integradas por nomes consagrados internacionalmente, como Von Spix, Von Martius, Langsdorf, Lebreton, Montigny, Debret, Rugendas, Saint Hilaire e outros;

- o início das atividades das indústrias naval (em especial para fins militares), no RJ e BA, e siderúrgica em MG e SP;

- a vinda da Divisão de Voluntários Reais, uma tropa de elite do Exército Português; - a criação dos ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Guerra;

- a instalação da Academia de Marinha e a criação da Academia Real Militar;

- a criação das Fábricas de Pólvora e de Armas; - a criação dos arsenais de Guerra e da Marinha;

- a padronização de uniformes, armamento e equipamentos para todas as tropas do País, e a criação de diversas Organizações Militares nas Capitanias;

- a extinção das tropas de 3ª linha – as "ordenanças"; e

- a reestruturação e reaparelhamento das de 1ª e 2ª linhas.

Gostaríamos, agora, de registrar as proféticas declarações geoestratégicas de Dom Rodrigo de Souza Coutinho, o Conde de Linhares, primeiro ministro da Guerra de Dom João, e Precursor da Geopolítica brasileira:

"*O Brasil é sem dúvida, a primeira possessão de quantas os europeus estabeleceram fora de seu continente, não pelo que há, atualmente, mas pelo que pode ser no futuro. A feliz posição do Brasil dá a seus possuidores uma tal superioridade de forças, pelo aumento da povoação que se alimenta dos seus produtos e facilidade do comércio, que, sem grandes erros políticos, jamais os vizinhos do Norte e do Sul lhes poderão ser fatais*".

Impende lembrar que a permanência joanina, de doze anos no Brasil, redundou no que Sílvio Romero cognominou de a "Reversão Brasileira", ou seja, com a vinda da Corte e, além disso, do Estado português para o Brasil, a Metrópole passou a ser "Colônia da Colônia". O período joanino, outrossim, nos legou a fantástica unidade territorial e linguística e a consolidação da nacionalidade brasileira. Não apenas por isso, Dom João é tido, com justa razão, como o "Consolidador da Unidade Nacional" e não o personagem grotesco como "malditos sejam" o retratam. Ele possuía uma mente assaz lúcida e, o principal, era senhor de excepcional visão prospectiva, digna dos melhores estadistas. O Príncipe amava o Brasil e sabia, com coragem e determinação, tomar sérias decisões.

E lembremos de que a nossa nacionalidade, consolidada por Dom João VI, é de extração essencialmente lusitana; ela provém do vetusto Portugal, um dos Estados mais antigos da Europa, de historial multissecular; ela provém de Viriato, da velha Lusitânia; de Dom Afonso Henriques, o Fundador da Monarquia portuguesa; do Condestável Dom Nuno Álvares Pereira (hoje, São Nuno Álvares Pereira, o herói da batalha de Aljubarrota); do Infante Dom Henrique, o "Navegador", e de sua Escola de Sagres; do Almirante Pedro Álvares Cabral e de seus monges-soldados; ela provém das glórias pretéritas do Exército Português que ostenta e se ufana do seguinte apotegma: "*Somos o Exército daqueles em quem poder não teve a morte, que por vencidos jamais se conheceram e cuja fama se perde distante no silêncio de*

tempos remotos"; ela provém do poeta-soldado Luiz Vaz de Camões e de tantos outros insignes personagens históricos como, repita-se, Dom João VI, que muito bem souberam cumprir Portugal.

A nacionalidade brasileira não provém das tabas indígenas nem das cubatas africanas ou tampouco de outras etnias que, inegavelmente, também muito contribuíram para tal. Somos uma raça cósmica, mistura de todas as raças, sem predomínio de nenhuma delas, fruto do luso-tropicalismo, na afirmação do saudoso Gilberto Freyre que, acrescente-se como corolário, soube enaltecer como ninguém, o altivo, glorioso e invicto Exército de Caxias, o qual, em seu dizer, "*é a mais lídima e representativa das Instituições nacionais: o verdadeiro índice do povo brasileiro*".

É disso que devemos nos recordar com ufania, sendo certo que Dom João, um dos pró-homens de nossa História, pavimentou o caminho para que seu filho, o Príncipe Dom Pedro, proclamasse a Independência do Brasil. Seria despiciendo, um mero exercício de tautologia, recordarmos dos principais fatos que culminaram com o 7 de setembro de 1822. E nos ensina Capistrano de Abreu que o retorno imposto a Dom João, pelas Cortes portuguesas, em 1821, pode-se caracterizar como a "independência de Portugal" em relação ao Brasil.

Por último, na relembrança de nossa completa Independência, não podemos deixar de anotar o 7 de abril de 1831, quando o sentimento de exacerbado nacionalismo fez com que Dom Pedro I, premido pelas forças vivas da Nação (o Exército Nacional à frente), abdicasse do Trono em nome de seu filho, o futuro Dom Pedro II, então com cinco anos de idade, e embarcasse para Portugal. É que Dom Pedro estava se tornando cada vez mais impopular ao povo brasileiro, máxime após 1826, quando faleceu Dom João VI, o qual, por testamento, deixara o Trono de Portugal para o Imperador do Brasil. Dom Pedro se empolgou com a decisão paterna, e, como Dom Pedro IV, de Portugal, nomeou uma Regência para representá-lo em sua terra natal e concedeu uma Constituição à nação portuguesa. Tais atitudes muito abespinharam os brasileiros, o que fez com que Dom Pedro recuasse e abdicasse do trono português, em nome de sua filha mais velha, Dona Maria da Glória.

Mas os conflitos entre portugueses e brasileiros se agudizaram e se transformaram em conflitos de rua, no Rio de Janeiro. À volta de Dom Pedro I, de Minas Gerais, em março de 1831, ocasião em que o Soberano lá observou uma atmosfera de desconfiança quanto à sua pessoa, devida à frieza das recepções, os portugueses o receberam no Rio, provocativamente, com grandes festejos e manifestações de alegria, acendendo luminárias à sua passagem pelas ruas, o que resultou no conflito conhecido como "A Noite das Garrafadas" (na realidade, os graves distúrbios entre brasileiros e portugueses ocorreram nos dias 12, 13 e 14 de março de 1831).

Dom Pedro nomeou um ministério, em 5 de abril, composto quase que exclusivamente de senadores de sua inteira confiança, mas francamente antipopulares. O povo e as tropas sublevadas se insurgiram, exigindo a volta do ministério anterior ao de 5 de abril. O Imperador, não querendo ceder às exigências brasileiras, resolveu abdicar em 7 de abril, em favor de seu filho menor, Pedro de Alcântara, e embarcou para Portugal, deixando José Bonifácio, como tutor de seus filhos.

O forte sentimento de brasilidade, que imperou em 1831, deveria servir de "leit motiv" para as gerações posteriores! Já nos prelecionava Coelho Neto, em seus "Mandamentos Cívicos": "*Ama a terra em que nasceste e à qual reverterás na morte. O que por ela fizeres, por ti mesmo farás, que és terra e tua memória viverá na gratidão dos que te sucederem*".

Nada é mais importante para a grandeza de um País do que o Patriotismo, valor-maior que deveria ser por demais cultivado! Filgueiras Lima, exponencial vate da Ilustração Cearense, indignava-se contra a carência de patriotismo, nessas estrofes de seu poema "Brasil dos meus Avós":

"*Brasil dos meus avós, acorda!*
Vem trazer-nos o ardor que rugia e cantava,
No peito de teus filhos de outras eras,
De Caxias, Osório, Sampaio e Tiradentes.
Dos heróis de Itororó e Tuiuti,
Que rolaram no pó, rubros de sangue,
Com o coração e o pensamento em ti!

Brasil dos meus avós,
Ressurge, dentro de nós, nesta hora extrema!
Inspira-nos um cântico marcial e romântico,
Que seja como a nova Marselhesa,

Da Pátria de Peri e de Iracema.
Faze que cada brasileiro, neste instante,
Lembre o velho cocar, o vetusto diadema,
A tremular, medievalescamente,
Na fronte heril dos teus guerreiros selvagens,
Guerreiros mais humanos e sensíveis do que os homens maus do Velho Mundo,
Que, irrompendo do céu ou do fundo do mar,
Matam mulheres, velhos, paralíticos,
Tão só pelo desejo infame de matar...

Brasil dos meus avós
Dá-nos aquela mesma galhardia
Dos teus veros heróis das matas virgens,
Que marcavam a hora dos recontros bélicos
À plena luz do dia
E cumpriam a palavra dada
Como coisa sagrada
Sem dissimulação nem covardia...

Brasil dos meus avós
Eu bem o sinto! Estás dentro de nós, Brasil de meus avós!
Sincero, puro, másculo, viril
Tu que és o Brasil de hoje e de sempre,
O imortal Brasil!"

O Brasil, nossa Pátria, com pouco mais de quinhentos anos de História, é um País

singular, em especial por suas incomensuráveis potencialidades e população, esta preponderantemente generosa, alegre, acolhedora de povos das mais variadas origens.

Todos esses povos aqui se miscigenaram e formaram, nunca é demais repetir, uma raça cósmica, uma meta-raça, sem predominância de nenhuma delas, forjando o Homem Brasileiro, do qual devemos sempre e sempre nos orgulhar. A nossa gente é essa mistura de raças, religiões e costumes, sem qualquer distinção; é a heterogeneidade que, entretanto se torna una, coesa, monolítica, indivisível, nas ocasiões em que se ouve o Hino Nacional, ao se contemplar a Bandeira a drapejar nos mastros, ou quando das festividades desportivas, solenidades cívico-patrióticas, etc.

Em verdade, já dizia o poeta popular Djalma Andrade, em "Brasil Atrapalhado":

"A gente fala, protesta,
Nesta terra nada presta.
O povo é lerdo, indolente...
É a farra, ninguém trabalha,
A peste, a pátria amortalha
Sob o sol rude, inclemente...

A lei é mito, pilhéria...
Ninguém liga a coisa séria
Não há remédio, é da raça.
A vida se desbarata
O pinho, a cuíca, a mulata,
O amarelão, a cachaça...

A gente murmura, fala
Velhos defeitos propala
Em língua rude e vil
É a pior terra do mundo
Mas no fundo, no fundo,
Quanto amor pelo Brasil!

Tudo da boca pra fora!
Porque cá dentro ele mora
Cá dentro é que gente o sente
Meu Brasil atrapalhado,
Meu Brasil confuso e errado
Você vê que o povo mente.

Você vê que a gente grita
Mas vê também que é infinita
Esta paixão por você...
Se a Bandeira levanta,
Lá vem o nó na garganta,
E você sabe por quê...

Você sabe e não se importa
A nossa injúria suporta
E o nosso labéu também...
Deixe que xingue, que bata
A gente fere e maltrata,
Quase sempre, a quem quer bem.

Meu Brasil, aqui baixinho,
Ouça, sou todo carinho,
e a minha alma você vê...
Qualquer perigo que corra,
Se for preciso que eu morra,
Eu morrerei por você..."

O Brasil é essa vastidão de dimensões continentais. É a "Nação do Sol", e o "Império das Águas", no dizer do escritor Dr. Rui Nogueira, onde vamos encontrar, em abundância, a trilogia para a existência da vida: ar, água e sol. Assim, em se sabendo aproveitar esses elementos da natureza, teremos de sobra, como ninguém, a Energia, que tudo move no Universo!

O exemplo maior é a nossa Amazônia. Ela agrega uma população mestiça com variados estoques de etnias indígenas, ainda muito pobre e desassistida. Ela possui, em sua biodiversidade, o maior e mais rico banco genético do planeta; detém o maior potencial de água potável do

mundo, em seus grandes rios, todos navegáveis por navios de qualquer calado, formando um verdadeiro "Mare Nostrum brasileiro"! As maiores jazidas de minérios raros, de terceira geração, ocorrem de forma abundante na imensa região, que ainda possui uma superlativa posição geoestratégica, por ser totalmente cortada pela linha do Equador, o que muito propicia e facilita o lançamento de artefatos aeroespaciais, como sondas, mísseis, foguetes, satélites e até naves espaciais, sendo o Centro de Lançamentos de Alcântara, no Maranhão (aliás, localizado na "Amazônia Legal Brasileira" e que deve permanecer, unicamente, sob jurisdição nossa), o melhor dentre todos os existentes.

Daí a imperiosa necessidade de nossa firme determinação em tudo fazer para a ocupação, defesa e guarda daquela cobiçada terra brasileira, cuja soberania nos cabe preservar, missão que as gloriosas Forças Armadas vêm cumprindo, com muito denodo e patriotismo, desde nossa proto-história. "Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados de conquistá-la e mantê-la", nos ensinava o General Rodrigo Octávio Jordão Ramos.

A História do Brasil é prenhe de heróis nacionais que não trepidaram em sacrificar a própria vida ou verter o generoso sangue pela honra e soberania nacionais. Entre tantos e tantos, destacaremos apenas dois: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes - Patrono Cívico da Nação brasileira e Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias - Patrono do Exército Brasileiro e "O Pacificador", ambos instituídos "Heróis Nacionais", cujos augustos nomes estão inscritos no "Livro de Aço" existente no Panteão da Pátria, em Brasília.

Na história-pátria é providencial o homem que pode orientá-la sem lhe sacrificar a moralidade, guiando-a com sabedoria, sem a iludir, sem a inquietar, sem a empobrecer. Providencial é o herói sem injustiça, o legislador sem ambição, o chefe sem egoísmo, o político sem paixão, ou antes, impelido pela única paixão compatível com os deveres cívicos, que é a sagrada paixão do Bem-Comum. Assim, por certo, tornar-se-ia realidade o sonho de Gilberto Freyre:

"Eu ouço as vozes, eu vejo as cores.
Eu sinto os passos de outro Brasil que vem aí.
Mais tropical, mais fraternal, mais brasileiro.
O mapa desse Brasil, em vez das cores dos Estados,
Terá as cores das produções e dos trabalhos.
Os homens desse Brasil, em vez das cores das três raças,
Terão as cores das profissões e regiões.
As mulheres do Brasil, em vez das cores boreais,
Terão as cores variamente tropicais.
Todo brasileiro poderá dizer:
É assim que eu quero o Brasil!"

Que no permanente culto da bela e rica História Nacional

e de seus heróis, estejamos sempre prontos a contribuir de maneira efetiva e especialmente patriótica, para o engrandecimento de nosso amado Brasil! Destarte, exaltar o civismo, glorificando os que mais lidaram por encher os anais da Pátria de cintilações astrais é dever precípuo de todo povo que aspira a se fazer merecedor da reverência e da admiração do mundo. Sim, pois quando um povo entra a esquecer, nos prazeres fugacíssimos da vida, dos vultos mais salientes, dos feitos marcantes de sua História, daqueles que mais se sublinharam pelo saber, pela santidade, pelo heroísmo ou pelo martírio, ninguém deve maravilhar-se de vê-lo, um dia, desagregado, desvirilizado, desacreditado e, ainda por maior desdita, escravizado pelos outros povos. É a lição triste da História, "a mestra da vida", "a mestra das mestras"... Mas é tempo de concluir.

Por derradeiro, gostaríamos de repetir as palavras dos centuriões romanos às suas tropas, antes das batalhas: "Ad Sumus! Sursum Corda"! "Aqui estamos! Corações ao Alto"! Sim, nesta hora solene de reverência à Pátria, Corações ao Alto por este fraternal

cenáculo de nossa Academia de Letras e Artes do Planalto! Corações ao Alto por nosso acendrado sentimento cívico! Corações ao Alto por nosso estremecido Brasil! E como dizia Olavo Bilac: "Ama, com fé e orgulho, A Terra em que nasceste. Criança, Não verás nenhum País com este!" "Ex corde", o meu muito, muitíssimo obrigado! Eu disse. Manoel Soriano Neto.

•

ALOCUÇÃO PROFERIDA PELO Cel SORIANO, NO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO DF (IHG/DF), EM BRASÍLIA-DF, E NA ACADEMIA DE LETRAS E ARTES DO PLANALTO (ALAP), EM LUZIÂNIA-GO.

•

1918

Comandadas por "Lawrence da Arábia", tropas árabes tomam Damasco dos turcos.

Forças armadas combinadas britânicas e árabes tomam Damasco dos turcos em 1º de outubro de 1918, durante a I Guerra Mundial, completando a libertação da Arábia. Um destacado e fundamental comandante da campanha aliada foi Thomas Edward Lawrence, um lendário soldado britânico conhecido como Lawrence da Arábia.

Lawrence, nascido em Tremadoc, País de Gales e um arabista formado na Universidade de Oxford, começou trabalhando para o exército britânico como oficial de inteligência no Egito em 1914.

Passou mais de um ano no Cairo, processando informações de inteligência. Em 1916, acompanhou um diplomata britânico em sua viagem à Arábia, onde Hussein ibn Ali, o emir de Meca, havia provocado uma revolta contra o governo turco. Lawrence convenceu seus superiores a ajudar a rebelião de Hussein. Foi então enviado a juntar-se ao exército árabe comandado por Faiçal, filho de Hussein, como oficial de ligação.

Lawrence da Arábia

Sob o comando de Lawrence, os árabes lançaram uma guerrilha eficaz contra as linhas turcas. Ele provou ser um talentoso estrategista militar, bastante admirado pelo povo beduíno da Arábia. Em julho de 1917, as tropas árabes tomaram Aqaba, perto do Sinai, e se juntaram às colunas britânicas em marcha sobre Jerusalém. Lawrence foi promovido para o posto de tenente-coronel.

Em novembro, foi capturado pelos turcos enquanto realizava trabalhos de reconhecimento atrás das linhas do inimigo, trajando vestes árabes. Foi torturado e abusado sexualmente antes de conseguir escapar.

Conseguiu juntar-se novamente ao seu exército, que aos poucos abriu caminho em direção ao norte de Damasco. A capital síria caiu em 1º de outubro de 1918.

A Arábia foi libertada do domínio do Império Otomano. Porém a esperança de Lawrence de que a península pudesse se unificar como uma só nação com o beneplácito de Londres foi defraudada quando facções árabes passaram a prevalecer na disputa pelo controle de Damasco.

Exausto e desiludido, Lawrence retornou à Inglaterra. Sentindo que o Reino Unido havia exacerbado as rivalidades entre os grupos árabes, compareceu diante do rei George V e polidamente recusou as medalhas que lhe foram agraciadas.

Depois da guerra, defendeu incansavelmente a independência dos países árabes, assistindo inclusive à Conferência de Paz de Paris, trajando vestimenta árabe. Mais tarde escreveu uma colossal memória de Guerra, Os Sete Pilares da Sabedoria, alistou-se na RAF (Royal Air Force) sob pseudônimo, a fim de evadir-se da fama, e levantou material para um novo livro.

Tendo passando para a reserva da RAF em 1935, sofreu fratura de crânio em acidente com motocicleta alguns meses depois. Permaneceu em coma durante seis dias, morrendo em 19 de maio, aos 46 anos, sem nunca ter recuperado a consciência.

Foi enterrado em 21 de maio na Igreja de São Nicolau, em Moreton.

De sua vida e aventuras foi rodado o filme épico Lawrence da Arábia de 1962, dirigido por David Lean, que explora a excentricidade e a personalidade de Lawrence. A película mostra quatro episódios principais da vida de Lawrence durante a sua estada na Arábia: a conquista de Aqaba; o seu rapto e tortura pelos turcos em Deraa; o massacre de Tafas; e o fim do sonho árabe de Damasco.

O papel principal coube a Peter O'Toole (à esquerda), com Omar Sharif no papel do Sherif Ali ibn el Kharish e Alec Guinness como o príncipe Faiçal.

•

(Fonte: Opera Mundi)

Grandes Comandantes da Antiguidade

Sargão II

(Aprox. 750 a.C. - 705 a.C.)

Sargão II foi um rei assírio que estendeu e consolidou os domínios do império legados por Tiglat-Pileser III, durante seu último século de existência. Seu nome é uma versão em hebreu de Sharru-kin, que em assírio significa "rei legítimo".

Filho de Tiglat-Pileser III, sucedeu o irmão Shalmaneser V, após a misteriosa morte deste (721 a. C.). Com uma meta guerreira e de conquistas, imediatamente subjugou os caldeus e arameus no sul da Babilônia, sobre o reino de Urartu e os povos do norte do território armênio, bem como sobre a Síria e Palestina, consolidando a expansão iniciada por seu pai, e impondo aos dominados o culto ao deus Ashur, divindade nacional assíria. Chegou ao Curdistão (714 a. C.), mais com o propósito de socorrer aliados ameaçados por Rusa I, rei de Urartu e inimigo da Assíria.

O Palácio de Sargão II foi descoberto em 1843 por Paul Emile Botta (1802-1870). Sua existência era uma dúvida entre os historiadores, até que essa descoberta pôs fim às discussões a propósito.

Aparentemente deve ter morrido durante uma das suas inúmeras batalhas. Não há qualquer certeza sobre isso, mas especula-se que seu envolvimento frequente em ações militares pode ter resultado em sua morte.

A História registra sua passagem como administrador competente e de forte influência política na região, sobretudo por seu poderio militar.

Temido por aliados e por inimigos, transformou a Assíria numa potência, arrecadando impostos e escravos em larga escala, e expandindo rapidamente a sua área de domínio.

(Fonte: Internet)

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page VIew**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

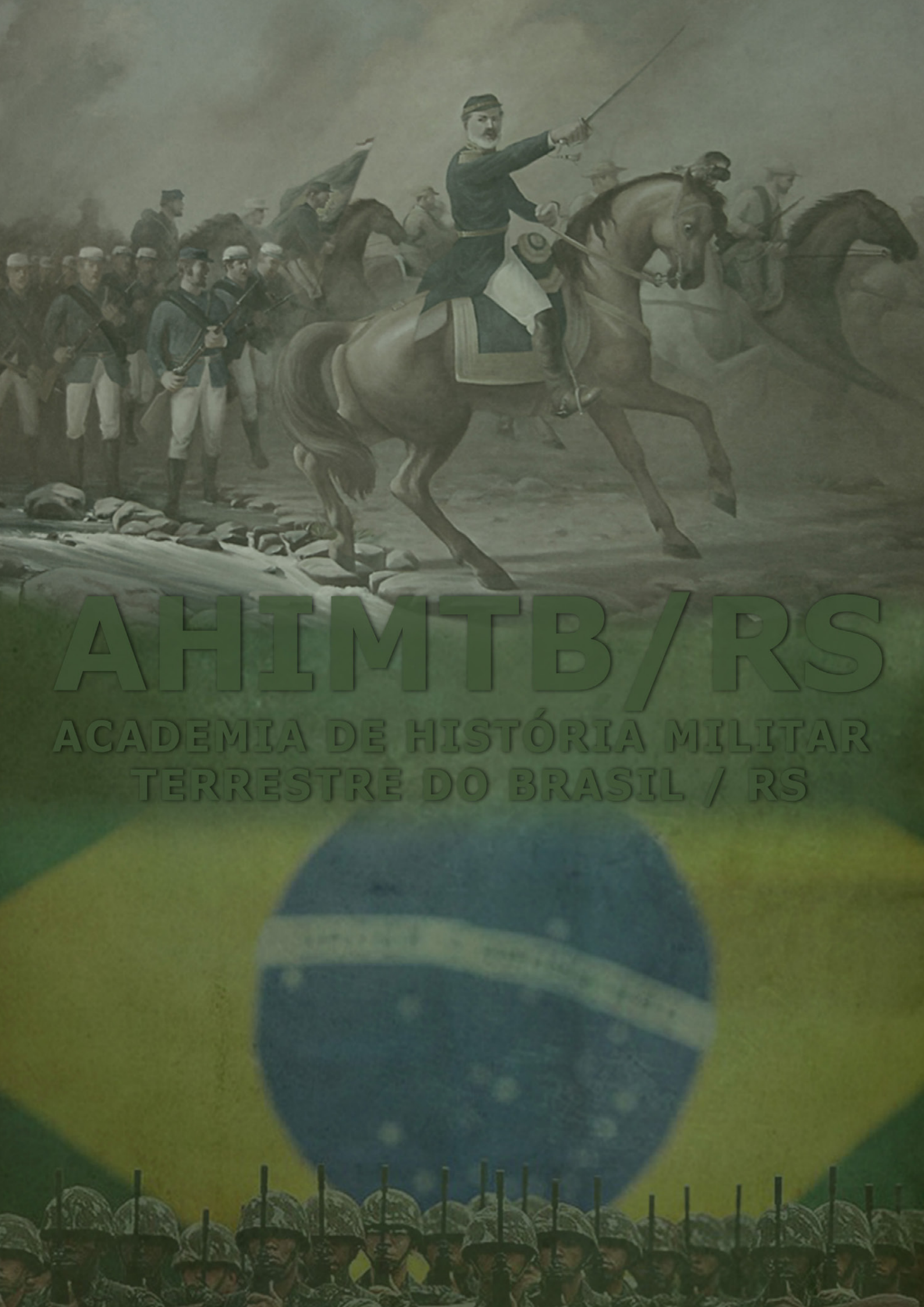
Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas.**

O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço **www.nucleomilitar.com**

Apoio à FAHIMTB:

POUPEX



AHIMTB/RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL / RS